

Editorial

Paulo de Tarso Salles

Rodolfo Coelho de Souza

vii

É com satisfação que anunciamos mais um número da **Revista Música**, felizes pela expressiva elevação de nossa avaliação pela CAPES, chegando ao Qualis B1. Queremos agradecer aos autores, editores assistentes, avaliadores e leitores, por sua participação nessa etapa de reestruturação de nosso processo editorial. Mas ainda não estamos satisfeitos, esperamos progredir ainda mais na construção de uma revista acadêmica de excelência, antenada com as demandas de nossa comunidade (no Brasil e no mundo) e que seja um foro de referência para os pesquisadores de nossa área.

Nesta edição (v. 19, n. 2) da **Revista Música**, temos cinco trabalhos de temática livre, abrangendo um amplo leque de questões relacionadas com música e suas interações com nossa sociedade. Leila Claudia dos Santos Braga e Gabriel Schütz assinam uma pesquisa sobre a promoção da saúde (não apenas vocal) na formação dos cantores, entrevistando estudantes e profissionais da área atuantes em cursos de graduação e propondo estratégias que melhorem a qualidade de vida (e do trabalho/estudo) desses músicos. Thiago Praça Teixeira mostra aspectos intertextuais entre a produção do *Maestro Perpetuo della Capella Sistina*, Lorenzo Perosi (1872-1956) e a obra sacra do brasileiro Alberto Nepomuceno (1864-1920). A pianista Danieli Verônica Longo Benedetti pesquisa os arquivos da influente *Société Musicale Indépendante* (SMI) em Paris, durante os anos do modernismo, um importante centro musical onde obras significativas para piano solo foram estreadas no início do século XX. Marília Paula dos Santos nos conta sobre os elementos que construíram a identidade cultural de Caruaru, no agreste pernambucano, em torno de Mestre Vitalino (1909-1963), suas figuras de barro e das famosas bandas de pífanos, conhecidas como “Zabumbas”. Jorge Vergara investiga o preconceito associado ao gênero, lançando um olhar para o tratamento dispensado a mulheres e homossexuais no ambiente artístico e na literatura médica na primeira metade do século XX no Brasil.

A segunda parte desta edição é o Dossiê comemorativo dos 60 anos da morte de Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e do centenário de nascimento Claudio Santoro (1919-1989), dois dos principais compositores brasileiros. O pesquisador e compositor Rodolfo Coelho de Souza foi o editor convidado para a produção dos artigos sobre Santoro deste dossiê.

Os trabalhos sobre Villa-Lobos demonstram a vitalidade da pesquisa sobre o compositor nesta última década, convocando novos referenciais teóricos para investigar a obra do principal cânone de nosso modernismo musical. Humberto Amorim, pesquisador dedicado ao violão e sua história no Brasil, conta como foi o processo de descoberta de um manuscrito esquecido de Villa-Lobos, com a adaptação da *Canção para o Poeta do Século XVIII* em versão para canto e violão. Integrantes do MusiMid – Centro de Estudos em Música e Mídia, grupo de pesquisa coordenado por Heloísa de Araújo Duarte Valente – investem em inusitadas abordagens sobre a recepção da música villalobiana nas mídias. A própria Heloísa Valente investiga a criação de uma semântica musical a partir da “memória comum” capaz de gerar novas “tópicas”, como fez Villa-Lobos na construção de figuras associadas com identidade nacional; Marcos Júlio Serogl investiga os signos associados com a identidade indígena em várias obras do compositor; Raphael Fernandes Lopes Farias observa a presença villalobiana em telenovelas e minisséries e os significados e sentidos disparados nessas trilhas sonoras. Pedro de Grammont e Souza analisa a letra do poeta Altamirando de Souza, escrita originalmente – e depois substituída pela letra de Dora Vasconcellos – na “Cantilena” da “Ária” das *Bachianas Brasileiras n.º 5* (1938-1945), usando um interessante referencial teórico derivado da semiótica tensiva; esse mesmo referencial está presente na análise de Gustavo Bonin para o *Choros n.º 6* (1926), reunindo aspectos sensíveis e inteligíveis da percepção musical. O maestro Lutero Rodrigues questiona a suposta hegemonia

paulista no movimento modernista brasileiro, usando o próprio Villa-Lobos como demonstração de manifestações modernistas na Primeira República, antes da Semana de 22.

A seção dedicada a Claudio Santoro apresenta quatro trabalhos. Semitha Cevallos escreve sobre a passagem de Claudio Santoro pela Polônia em 1955, constatando a influência que ele absorveu da escola polonesa de vanguarda do pós-guerra, verificável em obras da sua última fase, especialmente em *Interações Assintóticas* para orquestra sinfônica (1969). Nesta peça estão presentes características determinantes de uma relação intertextual com o *sonorismo* dos clusters de Krzysztof Penderecki e com o *aleatorismo controlado* de Witold Lutosławski. Rafael Fajioli Oliveira aborda a *Primeira Sinfonia para Duas Orquestras de Cordas* (1940), uma das obras inaugurais do Movimento Música Viva. Sabemos que Santoro e Koellreutter comandaram a absorção das técnicas dodecafônicas no ambiente musical brasileiro, todavia, neste artigo, o autor não se debruça sobre esse tópico, mais marcadamente observável no segundo movimento da sinfonia, mas sobre outras influências modernistas presentes no primeiro e no terceiro movimentos. Entre essas influências, ele reconhece uma reverência a Villa-Lobos, como o compositor mais proeminente do cenário musical brasileiro da época. A relação profícua de Villa-Lobos com a escola impressionista francesa de Debussy, Ravel e Milhaud é o elo em comum com a bagagem do jovem Santoro naquele momento em que ele ainda buscava matrizes para a formação da sua linguagem. O autor sugere que o uso intensivo da escala pentatônica e das harmonias quartais, além de outras formações paradigmáticas da música pós-tonal, aproxima Santoro tanto de Villa-Lobos quanto de Hindemith nesta sinfonia. A jornalista e musicóloga Camila Ventura Fresca realiza um sobrevoo musicológico sobre a produção de canções de câmara de Santoro, passando tanto pelas mais conhecidas canções, escritas em parceria com Vinicius de Moraes que são reputadas como precursoras da Bossa Nova, quanto por inúmeras outras que marcaram as diferentes fases da obra do compositor, inclusive aquelas escritas no exterior, e que dão testemunhos pungentes de sua vida com o exilado. Finalmente, Carlo Vinicius Arruda faz uma leitura reveladora da peça *Mutationen I* (1968) para cravo industrial e fita magnética. Trata-se de uma peça pouco executada que exige do intérprete a preparação de uma fita magnética com trechos pré-gravados para cravo, pelo próprio instrumentista, em uma montagem que deve obedecer a detalhadas instruções do compositor. Nesta peça, Santoro mistura intensivamente técnicas aleatórias, estruturas dodecafônicas, notação gráfica e efeitos pontilhísticos com referências às técnicas antigas da escrita para cravo, especialmente a notação *non mesuré*, o que torna a obra um produto original, sem similares. O autor cogita ainda que a proposta estética da obra representa um tipo de resistência ideológica ao cenário político da época.

Boas Festas e boa leitura a todos!